

RESENHA: AO SUL DA FRONTEIRA

Por Ricardo Pinto dos Santos[i]

Título original: *South of the Border*

Lançamento: 2009

Direção: Oliver Stone

País: EUA

Duração: 102 min

Gênero: Documentário

O Continente Sombrio

Apesar de bem popular, a América do Sul parece continuar sendo um enigma para o mundo. Grosso modo, a região abaixo da linha do equador nunca foi apresentada com a complexidade e dinâmica merecida por seus povos. Assim, a imagem que o resto do mundo tinha, e de certo modo ainda tem, acerca dos países *Ao Sul da Fronteira* quase sempre se encerra nos famosos estereótipos e reducionismos que, em larga escala, tornam o continente uma verdadeira interrogação ou, em alguns casos, uma piada para o mundo.

Na contramão desta perspectiva, não menos parcial, Oliver Stone (1946), premiado diretor americano, constrói um documentário sobre a política da América Latina. O cineasta apresenta uma perspectiva sobre a chegada ao poder dos partidos de esquerda no continente explorando, em contraposição, a imagem construída destas lideranças pela imprensa americana. Com este propósito, a figura do Presidente Hugo Chávez (1954-2013) assume um papel central no documentário, tanto pela sua importância política quanto pela desconstrução imagética feita pela imprensa do Tio Sam.

Nos moldes do famoso diretor Michael Moore (1954), sem o mesmo requinte, o cineasta viaja por países em que os presidentes assumiram posições contrárias as políticas americanas, ou que pelo menos buscavam se distanciar do domínio delas, para compreender a real situação política da região. A partir desta escolha é possível afirmar que a experiência *in loco* foi decisiva para uma compreensão mais apurada sobre os fatos. Sobre isso, numa análise rápida, basta confrontamos informações sobre o consumo da folha de coca[ii] tratadas por especialistas em contraposição às informações

tendenciosas e enganosas dos jornalistas da rede americana de TV apresentadas no documentário.

Sobre este aspecto, surge o primeiro grande mérito do documentário: a demonstração explícita do processo utilizado pela mídia americana para construir um inimigo. Seja ele quem for, esteja ele onde estiver, uma mentira contada várias vezes, além de virar uma “verdade”, pode servir como a justificativa que faltava para uma ação política, a aniquilação moral de um adversário e, em última instância, uma intervenção imediata (vide invasão do Iraque e as badaladas armas de destruição em massa nunca encontradas). Claro que, no caso de uma ação mais robusta que possa causar debates mais intensos, o argumento central estará sempre apoiado na defesa da democracia. Ou melhor, na “responsabilidade” que o Estado Americano tem em defender a democracia pelo mundo.

O segundo fator importante do documentário, talvez o mais sensível e difícil de ser identificado, está na compreensão efetiva e ampla do poder da informação. Stone revela, através da oposição entre reportagens americanas e as informações obtidas nas entrevistas feitas aos presidentes, o cenário sombrio em que está mergulhada a grande imprensa mundial. Fica explícito que a relação de interesses entre a imprensa e o Estado acaba forjando discursos que impossibilitam um olhar imparcial sobre diversos temas, sejam eles políticos ou sociais. Esse dado fica evidente na quantidade de vezes que o Presidente Hugo Chávez é chamado de ditador pela imprensa americana, ficando evidente a intenção de que o presidente venezuelano seja reconhecido como o grande ditador.

A disputa pelo poder e, principalmente, o que se é capaz de fazer por ele é revelado através do confronto entre imagens e documentos que comprovariam as reais intenções por trás das mentiras repetidas obstinadamente pela imprensa americana.

Num esquema ancorado nos meios de comunicação ocorre a definição de um inimigo, sua destruição moral e, sobretudo, a ampla divulgação de fatos que possam deslegitimar figuras públicas e, fundamentalmente, suas políticas que, quando implementadas, visam distanciar seus governos dos desígnios americanos.

A rápida aparição de Michael Moore confrontando as “verdades” apresentadas pela imprensa americana sobre o Iraque e, ademais, exigindo uma postura mais corajosa

da mesma serve para aproximar o perfil dos dois diretores. Em ambos os casos há uma intenção clara em desmascarar a imprensa superficial e, sobretudo, controlada.

Hugo Chávez é o principal personagem do documentário. Sua trajetória, suas investidas militares e políticas são apresentadas de uma maneira quase que didática. Definido como a principal liderança de esquerda do continente, uma espécie de herdeiro de Fidel Castro, Chávez, literalmente, é apresentado nos braços do seu povo. Andando pelas ruas das cidades ou visitando a casa onde nasceu e brincou durante a infância há um claro processo de humanização do presidente. Para além de um governante carismático e guerreiro, Chávez é um homem admirado pelas lideranças de todo o continente e, sobretudo, pelo seu povo. Stone deixa isso bem claro.

Cristina Kirchner (Argentina), Evo Morales (Bolívia), Luis Inácio Lula da Silva (Brasil), Rafael Corrêa (Equador), Fernando Lugo (Paraguai) e, é claro, os irmãos Castro (Cuba) participam do documentário. Com perspectivas bem próximas quando tratam das políticas americanas e de suas instituições, Stone parece desejar construir uma só voz para o continente. Em coro, os presidentes apresentam suas insatisfações com as instituições internacionais e, em especial, com as políticas empregadas pelos Estados Unidos para América Latina.

Com o intento de criar uma espécie de unidade para o continente, a foto entre os presidentes vira uma marca das boas relações de amizade e, fundamentalmente, parece desejar registrar um continente sem divergências. Numa espécie de barreira antiamericana, a pose revela uma união que transcende, em larga escala, a verdade sobre o continente. É nesse momento que o documentário cai numa armadilha.

Stone usa a mesma ferramenta que os americanos para construir um continente de esquerda ideal. A informação parcial, o discurso ajustado aos interesses e, por fim, a aproximação, mesmo que forçada, de cenários tão distintos leva o documentário para o mesmo caminho dos agressores. Claro que a desproporcionalidade entre as forças parece, de algum modo, justificar os meios utilizados pelo diretor. Entretanto, um olhar mais minucioso revela também que para o bem ou para o mal as ferramentas são as mesmas, basta um ajuste, uma pergunta adequada e um corte no lugar certo.

Esse aspecto em nada diminui a importância da obra. Stone avança substancialmente naquilo que poderíamos chamar de distorção proposital. Afinal, ele

torna visível políticas e posturas de governos de esquerda na América Latina que fizeram avançar as políticas sociais e, sobretudo, diminuir o poder de interferência externa.

Seja o empréstimo ao Fundo Monetário Internacional (FMI) feito no governo Lula, seja a possibilidade de se tornar presidente um descendente de índio (Bolívia) e um ex-metalúrgico (Brasil), o documentário ganha quando se distancia das imagens estereotipadas, que comumente assistimos quando tratamos da parte sul da fronteira, e investe naquilo que efetivamente apresentou ao mundo o continente. Uma postura ancorada mais densamente nas questões sociais.

Sobre esse aspecto, Stone revela a importância dos movimentos sociais para o continente. Nem sempre partidarizados, as lutas encampadas por estes movimentos foram decisivas para a transformação da atmosfera e das ações em que estava imersa o continente. Apresentação de novos temas e demandas, a verticalização dos debates e, sobretudo, a organização para o confronto, seja político ou não, fizeram emergir grupos importantes para a mudança.

Na verdade, em especial na Venezuela, o povo passou a compreender o seu importante papel na política. Antes alijada das decisões, sob o comando de Chávez, os venezuelanos encontraram um sentido para a luta. No documentário, fica explícita a proximidade do povo com o seu comandante.

A triangulação entre carisma, força política e ações populares (leia-se – ações políticas que priorizaram as demandas do povo) fez de Hugo Chávez um alvo para a política americana. Afinal, não seria nada interessante ter como exemplo para os países vizinhos uma figura como o Presidente Venezuelano.

Quando a Carta Democrática das Américas foi assinada em 2001, todos os países membros da Organização dos Estados Americanos (OEA) instituíram a ilegalidade de qualquer mudança política violenta e anticonstitucional no continente. No entanto, quando na Venezuela ocorreu o golpe de Estado de 2002, o governo norte-americano e, é claro, a OEA declaram apoio aos golpistas. Uma ação contraditória para um país que se julga o grande defensor da democracia.

Afinal, a Venezuela, com a maior reserva de petróleo do mundo, não poderia se tornar a ovelha negra do continente. Desse modo, a eleição de um político com as características de Hugo Chávez poderia comprometer os arranjos políticos entre os grupos que dirigiam o país e os interesses americanos.

Sua eleição causou tantos problemas que o Secretário de Estado do governo de George W. Bush, Colin Powell (1937), se pronunciou preocupado com os caminhos tomados por Chávez e expressou o que para ele era um governo democrático. Enfim, as imagens reveladas por Stones deixam claro que as políticas transformadoras de Chaves não agradavam o governo americano.

Diante disso, o documentário investe em demonstrar o quanto a atitude americana, a partir do golpe de 2002, visava atender aos seus interesses e que, efetivamente, nada tinha haver com a preocupação com os aspectos democráticos. Nesse período, ainda que breve, o preço do petróleo baixou e, principalmente, o FMI respondeu ativamente aos interesses dos golpistas com apoio financeiro rápido e inconteste.

Com o fracasso do golpe, mais uma vez a imprensa americana corre para apresentar a sua versão da história e é refutada através de documentos apresentados por Stone. Ou seja, novamente o papel da imprensa é colocado em xeque. Além disso, a revelação da verdade sobre o episódio da insurreição em Caracas, onde abriram fogo contra chavistas e opositores, resultando em 15 mortes, atestada pelo diretor do jornal Francês Le Monde, Ignacio Ramonet, gera um grave dano a imprensa americana e, fundamentalmente, atinge a credibilidade das suas informações.

Obviamente que o retorno de Chávez assume um caráter espetacular na película. Para além do fato propriamente dito, que pela sua natureza e forma além de constranger o governo americano (que naquele momento parecia acreditar que o golpe sairia vitorioso) reforça a força do presidente (Chávez retornou ao poder nos braços do povo) gera um problema político para o Governo Americano, pois, o grande defensor das forças democráticas passa a ter que negar o envolvimento com os golpistas venezuelanos. Ainda que todo esforço não tenha a menor validade, sobretudo pelo descrédito já reconhecido, a imprensa americana investiu nesse propósito.

Enfim, nada disso parou a política implementada por Chávez. Contrária aos mandos americanos, a intitulada revolução bolivariana já estava em pleno processo. Diminuição da miséria, redistribuição de renda, avanços significativos na educação e, o que é mais emblemático, o emprego de uma política em que o povo é o seu principal foco, fizeram de Hugo um personagem emblemático.

Enfim, o documentário de Oliver Stone revela um continente bem diferente do apresentado pelo jornalismo americano. Na verdade, bem diferente do que maioria conhece. Mais do que isso, revela países que não mais se curvam ao “grande império” e, acima de tudo, assume uma agenda social como o seu principal foco. Ainda que tal fato deva ser problematizado, na medida em que os acordos econômicos, algumas vezes, sejam feitos às sombras das questões políticas e, por isso, não consigam alcançar toda a sua plenitude e tornar os ganhos sociais ainda maiores, os avanços são inquestionáveis.

Durante a escrita desse texto, foi divulgada a morte de Hugo Chávez. O porta-voz da informação foi o vice-presidente Nicolás Maduro (1962) que, consternado, disse que o Comandante Hugo Chaves, depois de lutar contra o Câncer, faleceu. A informação foi seguida de um pedido de tranquilidade para a população e um aviso de que os herdeiros de Chávez continuariam fiéis ao grande líder.

Posteriormente, Maduro assumiu a presidência e, acima de tudo, a responsabilidade de manter viva a obra de Chávez. Nesse novo contexto, não sabemos ainda se o chavismo resistirá à ausência do seu criador. Mas, por enquanto, Chávez ainda “vive” na Venezuela e, pela ação ou pela inércia, somente doravante saberemos por quanto tempo isso permanecerá e, sobretudo, por qual caminho seguirá a Venezuela. Uma coisa é certa, para além do aspecto político, a tese de Stone de que “*El Comandante*” foi um homem do povo, visível ao logo do documentário, foi comprovada nas ruas Caracas com a presença de milhões venezuelanos no velório do seu comandante.

Não restam dúvidas quanto à popularidade de Chávez e, principalmente, quanto às efetivas transformações feitas por suas políticas. No entanto, concomitante, os problemas também são grandes e, nesse momento, tratá-los sem o carisma e a liderança de um protagonista como a do ex-presidente será um grande desafio para a sucessão.

Sobre o futuro não cabe especular. Quanto às marcas deixadas por Chávez, estas serão para sempre lembradas.

Notas:

[i] Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É doutorando em História Comparada e pesquisador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente/UFRJ e do Laboratório de História do Esporte e do Lazer, também na UFRJ. Desde 2009 é coordenador geral do Centro de Memória Vasco da Gama, onde realiza um trabalho pioneiro em preservação, organização e divulgação de acervo histórico de um clube de futebol.

[ii] A folha de coca é consumida a mais de mil anos pelas populações nativas da América do Sul e, sobretudo, o seu cultivo é parte fundamental para a sobrevivência de um grande número de pequenos agricultores. O ato de mastigar a folha e o consumo em forma de chá percorreu séculos e, ainda hoje, é uma tradição em países como a Bolívia e o Peru. Vale ressaltar, neste caso, que a cocaína é um derivado da folha de coca que, para ficar pronta para o consumo, são necessários diversos agentes químicos. No entanto, há um discurso tendencioso que visa relacionar de forma bem simplista o cultivo da folha e a produção e consumo de cocaína.